

A longa viagem do Imperador destronado

TRAJANO QUINHÕES

Prof. da Faculdade de Arquitetura da UFRJ
e ex-diretor da Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico da GB

Madrugada de 17 de novembro de 1889, cumprindo a intimação do Governo Provisório, D. Pedro e toda a Família Imperial, embarcaram na fragata Parnaíba e, nas imediações da Ilha Grande eram transferidos para a fragata Alagoas.

Iniciava assim, a longa viagem do Imperador destronado.

Diz Oliveira Viana no *Ocaso do Império*.

Deixaram-no partir em silêncio, só. Nem uma palma agradecida. Nem um rumor breve de aplauso. Nem um só grito de protesto. E, no entanto, nenhum rei, como ele, fazia jus àquela glorificação ardente contida nas palavras de Isaías:

Porque vós saireis em Alegria e sereis conduzido em paz; os montes e os outeiros cantarão diante de vós cânticos de louvor e todas as árvores do país baterão com as mãos dando aplausos

Em Portugal, na cidade do Porto, no dia 28 de dezembro de 1889, falecia a Imperatriz D. Tereza Cristina:

Feriu-te a ingratidão no seu delírio, caíste eu fico a sós neste abandono, do teu sepulcro vacilante círio!

Como foste feliz! dorme o teu sono, mãe do povo, acabou-se o teu martírio, filha de reis, ganhaste um grande trono!

Conta o Conde Afonso Celso na sua obra *O Imperador no Exílio*, como encontrou o ex-Imperador, abatido com a morte da esposa:

Recebeu-nos às 8 horas da manhã, frigidíssima. Muito modesto o seu quarto; a um canto cama desfeita; em frente um lavatório comum;

do Brasil



A família imperial na residência da Condessa de Barral, em Voiron — 1890 —
depois do falecimento da Imperatriz.

no centro larga mesa coberta de livros e papéis. Um sofá e algumas cadeiras completavam a mobília.

Os joelhos envoltos num cobertor ordinário, trajando velho sobretudo, D. Pedro II lê, sentado à mesa, um grande livro, apoiando a cabeça à mão. Ao nos avistar, acenou para que nós nos aproximássemos:

O Visconde de Ouro Preto curvou-se para beijar-lhe a dextra. O Imperador lançou-lhe os braços aos ombros e esteitou-o demoradamente contra o peito.

Ordenou que nós sentássemos perto dele. Houve alguns minutos de doloso silêncio.

Sua majestade quebrou-o apontando para o livro aberto: Ele é que me consola – disse com voz cava.

Vossa majestade é um espírito superior – replicou o Visconde de Ouro Preto – achará em si mesmo a necessária força.

Depois de novo silêncio mostrou o título da obra que percorria – A Divina Comédia.

Então estranha vivacidade pôs-se a falar da literatura, revelando o sentido da obra. Discorreu sobre várias matérias. Não aludiu uma única vez a Imperatriz. Só quando nos retiramos ele observou baixinho:

A câmara mortuária é aqui ao lado, amanhã às 8 horas há missa de corpo presente.

Saimos. No corredor verifiquei que o meu chapéu havia ficado no aposento Imperial. Voltei para apanhá-lo, pela porta entreaberta deparei-me tocantíssima cena.

Ocultando o rosto com as mãos magras e pálidas, o Imperador chorava. Por entre os dedos escorriam-lhe as lágrimas deslizando ao longo da barba branca e caíam sobre as estrofes de Dante.

Não pude conter. Rompi também em choro convulsivo. Sua majestade descobriu a face, envolveu-me com o olhar e com a mão molhada de pranto deu-me um gesto de adeus.

Era o Primeiro Capítulo de sua gloriosa viagem.

Em Paris, D. Pedro foi residir no modesto Hotel Bedford, tradicional hospedaria dos destronados.

O Conde de Mota Maia, seu médico, já havia se pronunciado no sentido dele se transferir para Canes, em busca de clima mais favorável à sua cura.

O Imperador, no entanto, se opôs. Insistiu em ficar em Paris, perto dos brasileiros, junto ao Instituto de França. A sua vontade foi respeitada. Permaneceu em Paris.

Corria tudo satisfatoriamente, quando uma ida imprudente ao Instituto de França e um mais imprudente passeio em carro descoberto agravou o seu estado, acabou em pneumonia e foi mortal.

Conta Godofredo Taunay, em artigo para o Instituto Histórico:

Por volta de meia-noite a bela cabeça descambou brandamente para o ombro esquerdo, os olhos apagaram-se, parecia já não viver o Imperador, tão imperceptivelmente respirava! A meia-noite e 45 minutos

entregou ao Criador a alma puríssima aquela que foi em vida D. Pedro II; aquela que a história cognominará de O Grande do Brasil.

Aquele que no decorrer de 58 anos de glorioso reinado, deixou da sua passagem pelo poder um sulco tão profundo e luminoso que este não se apagará jamais do coração dos brasileiros. . . Nunca houve, nem haverá nunca brasileiro que tenha amado com mais sinceridade e fervor o seu país e que o tenha servido com mais dedicação e lealdade. Concluiu.

No supremo momento do desenlace, em torno do leito, encontravam-se: a Princesa Isabel, o Conde d'Edu, o Duque de Saxe, o Príncipe D. Pedro.

Presentes, ainda se encontravam: a Baronesa de Muritiba, a Condessa de Mota Maia, a viúva Silva Coutinho, o Barão de Muritiba, o Conde Mota Maia, o Barão de Penedo e outras figuras.

A morte de D. Pedro II foi sentida não somente pelas figuras do mundo político como, também, pelo povo parisiense. As imediações do Hotel Bedford ficaram cheias de povo. Os livros da portaria cobriram-se de assinaturas e as flores eram tantas que não havia mais lugar para acomodá-las.

Foi este o Segundo Capítulo da sua longa e gloriosa viagem.

O governo francês na pessoa do próprio Presidente Sadi Carnot, depois de vencer vários obstáculos políticos, determinou que fossem prestadas a D. Pedro as maiores homenagens e, foram suas, as seguintes expressões:

D.. Pedro foi sempre um amigo fiel e dedicado da França. Mostrou-o de modo característico e inolvidável, no ano fatal de 1870. Vencida, exangue, coberta de luto, com parte do território ocupado pelo invasor, curti-a todas as dores agravadas por crudelíssimas decepções. . . Foi justamente essa a ocasião que escolheu o Imperador do Brasil para atravessar o oceano e vir trazer a França o conforto da sua presença, o carinho do seu amplexo. Sou de opinião que sejam prestadas a D. Pedro Honras régias suntuosas.

O Instituto de França

Há 15 anos oferecíamos a D. Pedro de Alcantara, já correspondente da Academia, a maior honra que podíamos conceder a um sábio estrangeiro, nomeando-o um dos nossos 8 associados. . . Para este soberano a primeira soberania parecia ser a da inteligência. . . o nome deste dedicado servidor da humanidade ficará gravado na História.

O seu corpo, depois de embalsamado foi levado para a Igreja de Madanela.

Diz Taunay:

Lágrimas corriam de muitos olhos. A dor penetrava em todas as almas. Quanto a mim subjogado por tantos abalos e tantas angústias, paralizara-me estranho torpor. Dele tirou-me subitamente um fato banal, a cor da fita da condecoração do Cruzeiro do Sul, era o azul do céu da minha terra. Senti-me outro. Senti que milhões de corações brasileiros oravam e comungavam com o meu. Nesse momento senti que a Pátria,

tão longe e tão perto, ao mesmo tempo estava ali em Madalena, inclinava-se sobre o corpo do maior dos seus filhos, e dizia-lhe, no molde dos termos atribuídos a Bossuet, referindo-se a outro ex-grande monarca:

Dorme em paz, bem serviste a Deus e ao Brasil.

Retirado da Igreja de Madalena, o corpo, coberto pela Bandeira Imperial, foi levado para o coche, para ser conduzido à estação de Orléans.

Foi uma cerimônia suntuosa.

O coche que havia servido ao Presidente Thiers era puxado por 6 cavalos negro-azeviche. Pouco antes de sair o préstito, a rainha Vitória, representada pelo lorde Talbot, colocou, junto ao seu corpo, uma coroa de bronze.

No percurso da Igreja da Madalena até a estação de Orleáns, tropas e mais tropas em filas duplas ao longo das calçadas.

Toda a guarnição de Paris estava formada e reforçada ainda por contingentes das regiões vizinhas.

Afinal, o cortejo chega à estação.

Junto do coche vieram se colocar a Princesa Isabel, o Conde d'Eu e os demais príncipes, os representantes de diversas nações e muitos brasileiros.

Começou então, o desfile — durou mais de 1 hora.

Até os membros do Estado Maior de França, tendo à frente o general Saint Marc desfilaram em homenagem a D. Pedro.

Durante o cortejo fúnebre foram prestadas as mais nobres homenagens:

Ao passar pelo Palácio dos Inválidos, troaram os canhões do parque militar. Defronte à Câmara dos Deputados, novas homenagens. Ao passar pela Faculdade de Medicina, os estudantes também o homenagearam. Junto ao Jardim das Plantas, todos os funcionários formados e, na pessoa do Diretor, depositaram no coche folhas de palmeiras brasileiras — palmeiras oferecidas pelo próprio Imperador, por ocasião de sua visita à França.

Chega finalmente à estação de Orleáns — Ao som de marchas fúnebres, o corpo foi colocado no trem — Destino Lisboa. Geral tristeza.

Seguindo o seu caminho, o ataúde chega a Madrid no dia 10 de dezembro.

Troava a artilharia. Honras fúnebres.

Na Estação do Norte é recebido por todo o corpo Diplomático, inclusive o nosso Ministro Barão de Alencar.

Na Estação do Entroncamento, já se encontrava o Duque do Porto, representando o Rei Carlos, cercado de todo o seu Ministério.

Homens de ciências e letras foram, também, prestar suas últimas homenagens. Entre estes descacou-se Ramalho Ortigão.

Momentos após, seguia o cortejo e chegava em São Vicente de Fora, onde o Cardeal Patriarca de Lisboa e 12 bispos realizaram as exéquias.

Toda a guarnição militar de Lisboa prestou a derradeira homenagem ao ex-Imperador e, o cortejo, constituído das carruagens históricas, tinha numa delas o rei D. Carlos, a Princesa Isabel, o Conde d'Eu e o Príncipe D. Pedro.

Terminada a cerimônia religiosa o corpo do grande Imperador foi levado para junto da ex-Imperatriz — sua companheira de bons e mais dias.

Estava finda a sua missão — gloriosa e fecunda.

E diz, Godofredo Taunay que lhe pareceu ouvir outra vez, como em Madalena:

Dorme em paz, bem serviste a Deus e ao Brasil.

Fechara-se assim, o Terceiro Capítulo da sua longa viagem de Imperador destronado.

Cumpria agora, fazer efetivo, o desejo sempre demonstrado por D. Pedro II: Seu corpo descansar eternamente no Brasil.

Abre-se o Quarto e último Capítulo – A volta do Imperador ao Brasil – isto é, a revogação do banimento da Família Imperial e a trasladação dos restos mortais.

Na sessão da Câmara dos Deputados, a 5 de agosto de 1891, o deputado Caetano de Albuquerque pede a palavra e reclama já “três vêzes inscrito durante a discussão do projeto constitucional, três vêzes tive o dissabor de me arrolharem a palavra”.

Depois de muita luta é, então, apresentado o projeto:

O Congresso Nacional considerando terem cessado os motivos de ordem pública que determinaram como medida de ocasião o banimento do ex-Imperador do Brasil decreta:

Art. 1.º – “É restituído a D. Pedro de Alcântara, ex-Imperador do Brasil, o gozo de todos os direitos de cidadão brasileiro, de conformidade com as disposições da Constituição de 24 de fevereiro do corrente ano, podendo regressar ao Brasil quando lhe aprouver”

Art. 2.º – Revogavam-se as disposições em contrário. Sala das Sessões. 5 de agosto de 1891.

Nessa época, ainda vivia D. Pedro II.

Depois de violentos debates, o projeto foi submetido a deliberação – votaram contra 100 deputados e a favor 10.

Rejeitado:

Depois do falecimento do ex-Imperador, o deputado Coelho Lisboa, apoiado por Alfredo Ellis, apresenta um novo projeto.

Antes, porém, exclamara: *Chegou, Sr. Presidente, a hora da justiça e é em nome da República e da justiça que entrego a consideração do Congresso o meu projeto.*

Art. 1.º – Fica o governo Federal autorizado a mandar a Lisboa um navio de guerra para trasladar para o Rio de Janeiro os corpos de D. Pedro de Alcântara e de D. Tereza Cristina, ex-Imperadores do Brasil, entendendo-se para tal fim com quem de direito.

Art 2.º – Fica o governo igualmente autorizado a mandar construir um panteon onde sejam depositados, 25 anos post mortem, os restos mortais dos homens ilustres do Brasil.

Art 3.º – Fica o Presidente da República autorizado a fazer as necessárias operações de crédito.

7 de julho de 1906.

Em 1912, novo projeto era apresentado, agora não mais pelos antigos republicanos e sim pelos novos — aqueles que começavam realmente, a viver a República.

Entre estes: Maurício de Lacerda, Otávio Mangabeira, Flores da Cunha e outros mais — surge um novo projeto.

Art. 1º — O governo repatriará os restos mortais de Pedro de Bragança (ex-imperador do Brasil) a bordo de um navio da esquadra nacional.

Art. 2º — O corpo do ex-Imperador será a expensas do governo da República, depositado em um dos cemitérios da Capital Federal, sendo-lhe no ato, prestadas as honras de Chefe de Estado.

Tal projeto provocou importantes debates, surgindo logo uma emenda:

O governo, sem despesas e pelo primeiro navio de guerra nacional, que tocar no porto de Lisboa trasladará para o Brasil os restos mortais de D. Pedro de Alcântara e sua esposa.

Esta emenda, provocou violentos protesto, de parte do deputado Jacques Ourique:

Dizia eu, Sr. Presidente que não posso admitir que os restos mortais do ex-imperador e de sua esposa voltem para a pátria em um navio de guerra que passe por acaso em Lisboa, assim a modo de uma carga sem importância; acho que devemos, prestando a homenagem devida a esses restos mortais mandar um navio especialmente buscá-los.

O Deputado Caetano de Albuquerque, em certo momento, lembra que a França mandou buscar, com todas as honras, em Santa Helena os restos mortais de Napoleão. E acho de todo injusto, trazer os restos mortais como um fardo qualquer.

Em várias outras sessões legislativas, foi assunto presente — e cada vez mais a consciência nacional exigia justiça.

Até que em 1919 era apresentado um novo projeto. Desta vez pelo deputado mineiro Francisco Valadares.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º — É expressamente revogado o decreto nº 78A de 21 de dezembro de 1889, que banii a Família Imperial do Brasil”.

*Art. 2º — Revogam-se as disposições em contrário:
11 de dezembro de 1919.*

O deputado mineiro assim, justifica o seu projeto.

Este projeto não precisa ser justificado, pois corresponde aos sentimentos gerais do País.

Levado, porém, a Comissão de Constituição e Justiça, não foi dado nenhum parecer, assim, termina a sessão legislativa de 1919.

Finalmente, chega o ano de 1920.

O Brasil já se preparava para comemorar o Centenário da Independên-



Foi apresentado novo projeto. Praticamente o mesmo de 1919.

Graças a urgência requerida por Maurício de Lacerda, o projeto foi aprovado e, sem emendas, transformado em lei pelo Presidente Epitácio Pessoa, em solenidade oficial no Palácio do Catete.

Decreto nº 4120 de 3 de setembro de 1920.

Revoga os artigos 1º e 2º do Decreto 78A de 21 de dezembro de 1889 e autoriza a trasladar para o Brasil os despojos mortais do ex-imperador D. Pedro II e de Sua esposa D. Tereza Cristina, abrindo para tal fim os necessários créditos.

Na sessão de 4 de setembro, Francisco Valladares, em brilhante oração, como um dos autores do projeto disse:

Senhores! a obra de reparação e de justiça está cumprida. Por ela congratulo-me com a nação.

Com este ato de verdadeira reparação histórica e de justiça. Concluiu — não há mais proscritos de terras do Brasil.

Estavam abertas as portas da Nação Brasileira para receber o ex-Imperador.

A Princesa Isabel encaminhou ao ilustre deputado as seguintes palavras:

Grata a sua iniciativa e a decisão tomada pelo Brasil, para mim e minha família, a nossa querida pátria sempre desejamos e desejaremos o melhor futuro.

Tomadas as devidas providências os corpos do ex-Imperador e da ex-Imperatriz foram trazidos por navio de guerra da Marinha Brasileira e confiadas à Catedral Metropolitana.

Aqui — preparadas as cerimônias oficiais — Rumo a Petrópolis.

Já, antes das 7 horas, numerosa massa popular cercava às imediações da Catedral Metropolitana.

Começavam as cerimônias da trasladação dos restos mortais dos ex-Imperantes.

Soldados do 1º Regimento de Cavalaria Divisionária, antigo Dragões da Independência que outrora faziam a Guarda Imperial, prestaram homenagens conduzindo os esquifes por entre alas do povo.

Na então, Estação da Praia Formosa foram dadas as descargas regulamentares e, os esquifes, foram colocados nos carros especiais, devidamente preparados — foram acompanhados por entre outras figuras o Príncipe D. Pedro, o Conde de Afonso Celso, o deputado Francisco Valladares.

Todo o comércio de Petrópolis fechado.

A municipalidade havia decretado feriado.

O povo cercara a Estação da Leopoldina.

— Chegara para o descanso eterno os ex-Imperantes.

No ato da entrega oficial das urnas à Municipalidade, discursou o Conde de Afonso Celso:

Praza a Deus que a saudade que ele inspira, o culto que se lhe rende, o amor e respeito que se lhe consagram, sejam vínculos de coordena-

ção e fraternidade nacionais, estímulos de trabalho, penhores de ordem, de harmonia, de seguro adiantamento material e espiritual.

Encerra-se, assim, a longa e gloriosa viagem do Imperador — destronado — levado para o exílio — morto — embalsamado — enterrado em outras terras e de volta ao Brasil — debaixo do mais elevado respeito do Governo Republicano — a longa viagem durou 30 anos e 19 dias.

Agora e para sempre:

Dorme em paz; bem serviste a Deus e ao Brasil.